

SÃO PAULO CAMPEÃO

1 a 0

Serginho, 40 minutos do primeiro tempo: com mais um gol de seu discutido artilheiro, o São Paulo ganhou de 1 a 0 do Santos ontem à noite, no Morumbi, e ficou com o título

Paulista de 1980. Um título que merecia mais gols, pois foi o São Paulo que, desde o início do jogo, mostrou um futebol de campeão, apertando a defesa do Santos

e não dando chances ao ataque adversário. No final do jogo, o técnico Carlos Alberto Silva saiu de campo antes de todos os jogadores. Tinha bons motivos para

comemorar sozinho: passou boa parte do Campeonato ameaçado de perder o cargo, e só mesmo o título poderia atestar sua competência. Por isso, ele saiu e chorou.



Valdir Perez, Oscar, Almir, Getúlio, Dario Pereira, Aírton (em pé). Agachados: Hélio (massagista), Paulo César, Renato, Serginho, Heriberto e Zé Sérgio. Os campeões de 1980. Com justiça.

E veja sua bela campanha

Primeiro turno

22-5-80 América 1, São Paulo 1, em Rio Preto
 25-5-80 São Paulo 2, Ferroviária 0, no Morumbi
 29-5-80 Portuguesa 1, São Paulo 1, no Pacaembu
 1-6-80 Noroeste 1, São Paulo 3, em Bauru
 5-6-80 XV de Jaú 0, São Paulo 0, em Jaú
 8-6-80 São Paulo 2, Marília 0, no Morumbi
 11-6-80 São Paulo 1, São Bento 2, no Morumbi
 15-6-80 São Paulo 1, XV de Pir. 0, no Morumbi
 18-6-80 Taubaté 1, São Paulo 0, em Taubaté
 22-6-80 Botafogo 2, São Paulo 1, em Rib. Preto
 26-6-80 Juventus 2, São Paulo 0, no Pacaembu
 29-6-80 São Paulo 1, Francana 1, no Pacaembu
 2-7-80 São Paulo 0, Comercial 1, no Pacaembu
 5-7-80 São Paulo 1, Palmeiras 0, no Morumbi
 8-7-80 Internacional 1, São Paulo 2, em Limeira
 13-7-80 Corinthians 0, São Paulo 1, no Morumbi
 16-7-80 São Paulo 0, Ponte Preta 1, no Morumbi
 19-7-80 São Paulo 2, Santos 2, no Morumbi
 23-7-80 Guarani 2, São Paulo 2, em Campinas.

Segundo turno

10-8-80 São Paulo 4, Corinthians 0, no Morumbi
 13-8-80 São Paulo 3, XV de Jaú 1, no Morumbi
 17-8-80 Comercial 0, São Paulo 1, em Ribeirão Preto
 20-8-80 São Paulo 2, Taubaté 0, no Morumbi
 23-8-80 São Paulo 1, Noroeste 0, no Morumbi
 31-8-80 São Paulo 1, Portuguesa 0, no Morumbi
 7-9-80 São Bento 1, São Paulo 1, em Sorocaba
 11-9-80 São Paulo 2, Botafogo 0, no Morumbi
 14-9-80 Marília 0, São Paulo 0, em Marília
 21-9-80 Ferroviária 0, São Paulo 1, em Araraquara
 28-9-80 Francana 1, São Paulo 1, em Franca
 2-10-80 São Paulo 1, Juventus 0, no Morumbi
 5-10-80 XV de Piracicaba 1, São Paulo 1, em Piracicaba
 8-10-80 São Paulo 1, Guarani 3, no Morumbi
 12-10-80 Palmeiras 0, São Paulo 3, no Morumbi
 16-10-80 São Paulo 1, América 0, no Morumbi
 19-10-80 Santos 1, São Paulo 1, no Morumbi
 22-10-80 Ponte Preta 0, São Paulo 0, em Campinas
 25-10-80 São Paulo 1, Internacional 1, no Morumbi

Quadrangular (2º turno)

2-11-80 São Paulo 1, Internacional 2, no Morumbi
 5-11-80 São Paulo 2, Internacional 1, no Morumbi
 São Paulo 1, Internacional 0 (na prorrogação)
 9-11-80 São Paulo 2, Ponte Preta 1, no Morumbi
 12-11-80 São Paulo 0, Ponte Preta 1, no Morumbi
 São Paulo 0, Ponte Preta 0 (na prorrogação)

A decisão

O São Paulo precisou de apenas dois jogos para fazer os quatro pontos que lhe deram o título. Venceu o primeiro jogo no dia 16 por 1 a 0 e ontem também por 1 a 0. Nos dois jogos, gols de Serginho.

Artilheiros

1º) Serginho..... 11
 2º) Zé Sérgio, Getúlio e Assis..... 7
 3º) Renato..... 5
 4º) Paulo César..... 4
 5º) Aílton Lira..... 3
 6º) Nei e Zizinho..... 2
 7º) Dario, Tatu, Marião e Heriberto..... 1
 contra..... 1

Os jogos

O São Paulo fez 44 jogos neste Campeonato. Venceu 23 deles, teve 12 empates, 9 derrotas, marcou 54 gols e sofreu 32. Participou ainda de duas prorrogações: uma contra a Ponte Preta 0 a 0, e outra contra o Inter de Limeira, 1 a 0.

São Paulo campeão

A vitória, assim:

Jogando como um campeão, para ganhar, investindo contra o Santos, o São Paulo mereceu o 1 a 0 e o título paulista deste ano.



Valdir Perez fez duas grandes defesas durante o jogo, sendo a segunda decisiva aos 42 minutos, quando Joazinho cabeceou sozinho à sua frente. É um goleiro para grandes decisões: 8.



Getúlio só perdeu 3 jogadas para João Paulo, mas nenhuma perigosa. Depois, não tomou mais conhecimento de que havia um ponto em campo. Atacou como ponta e chutou bastante a gol: 8.



Oscar não teve a quem marcar, enquanto Campos jogou de centroavante. Quando Claudinho entrou, teve alguma dificuldade em acompanhá-lo. Não foi bem na saída de jogo, errando passes: 6.



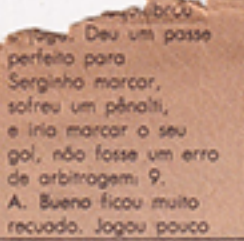
Dario esteve muito bem na sobre, saindo algumas vezes do meio para socorrer Alton. Estava saindo bem com a bola dominada, até os momentos finais, quando também passou apenas a rebater: 8.



Ailton foi um simples marcador, ainda traumatizado pela responsabilidade do gol que seu time sofreu contra o Internacional, quando não quis chutar a bola para fora. Agora, insiste em rebater de qualquer maneira, ou evitar jogadas comendo faltas, o que prejudica a equipe: 5.



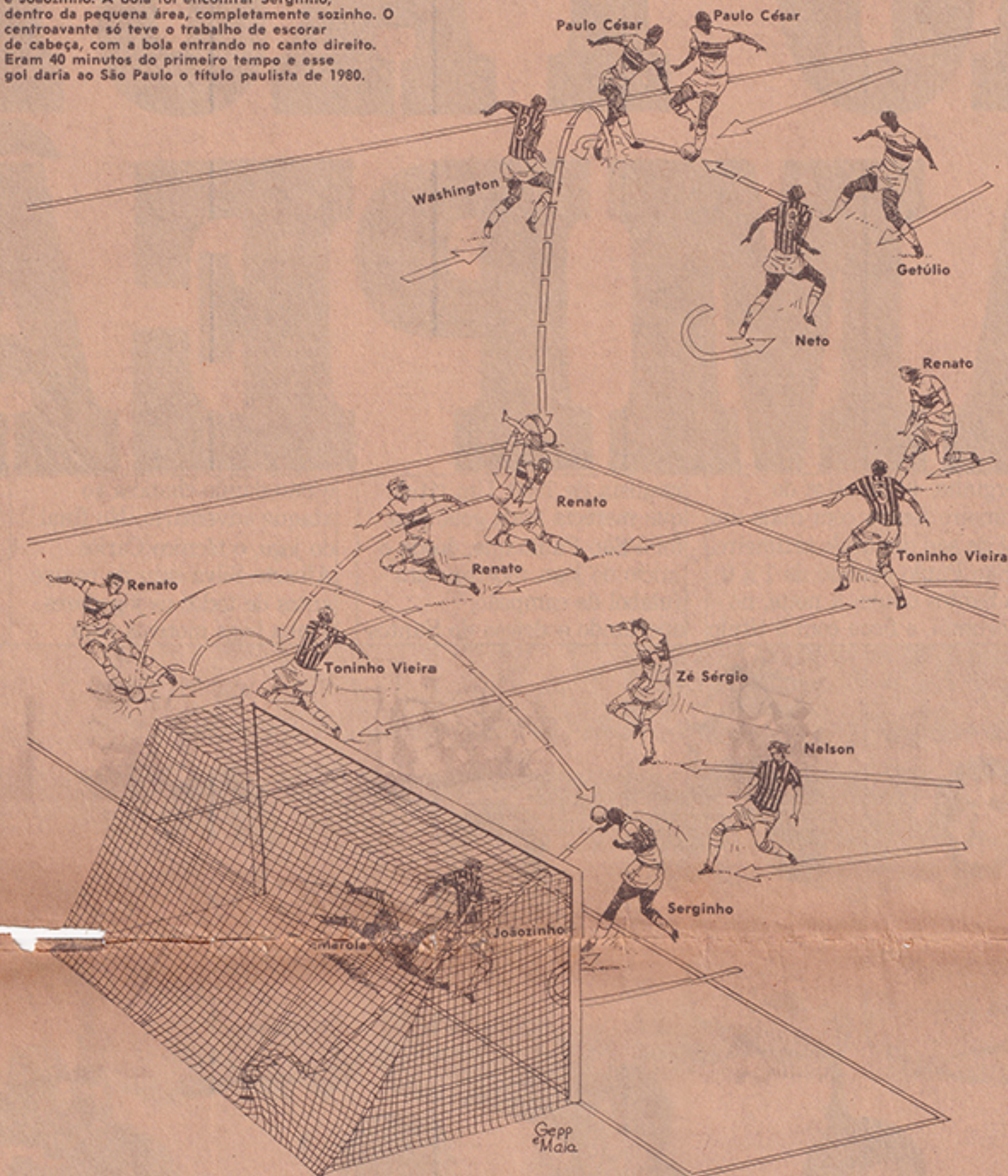
Claudio deu uma partida perfeita para Serginho marcar, sofreu um pênalti, e iria marcar o seu gol, não fosse um erro de arbitragem: 9.



A Bueno ficou muito recuado. Jogou pouco:

O gol de Serginho

Getúlio dominou a bola ainda em seu campo e, sem ser combatido, avançou e tocou a bola a Paulo César na direita. Este viu a entrada de Renato e levantou para a área, onde Renato matou a bola, e, mesmo acompanhado por Toninho Vieira, foi à linha de fundo e cruzou, por cima de Marola e Joazinho. A bola foi encontrar Serginho, dentro da pequena área, completamente sozinho. O centroavante só teve o trabalho de escorar de cabeça, com a bola entrando no canto direito. Eram 40 minutos do primeiro tempo e esse gol daria ao São Paulo o título paulista de 1980.



Renato antecipou-se a Toninho Vieira, chegou até a linha de fundo, levantou a cabeça e encobriu o goleiro Marola, deixando Serginho livre, quase embaixo do gol, para de cabeça marcar, aos 40 minutos do primeiro tempo, o gol que deu ao São Paulo o título de campeão paulista de 80, com outra vitória de 1 a 0.

Sob a temperatura de 19 graus, depois de chover bastante durante a tarde, o São Paulo mostrou um futebol de campeão desde o início do jogo, investindo contra o Santos, jogando para ganhar e contrariando a própria expectativa da partida.

Afinal, pela escalação, era o Santos que prometia um jogo ofensivo, tirando Miro da cabeça da área, recuando Toninho Vieira, e colocando em campo o futebol criativo de Feijão.

Para azar do Santos, a derrota começou exatamente com a falta de competência de Feijão em marcar. Era combatido por Heriberto quando tentava criar, mas não acompanhava o seu adversário quando este se infiltrava pelo meio, obrigando Toninho Vieira a uma desesperada correria atrás de Renato, que, desta vez, com incrível habilidade, utilizava-se dos espaços abertos pela esquerda e muitas vezes vinha jogar às costas do lateral Washington, que insistia em acompanhar o ponta-direita Paulo César em suas movimentações em diagonal.

O resultado não poderia ser outro: depois de 45 minutos, o São Paulo vinha por 1 a 0; chutou 9 bolas a gol, contra apenas 3 do Santos, sendo duas delas em cobrança de faltas de longa distância, para fora, do central Joazinho, e a outra, um levantamento de Washington. Seus atacantes não deram um só chute contra o gol de Valdir.

A vitória por 1 a 0 não era inteiramente justa. O São Paulo merecia mais. Houve um chute de longa distância de Heriberto, que tocou o chão pouco antes da linha, subiu inesperadamente e bateu no travessão; depois um pênalti de Washington em Renato que o árbitro não deu, e um gol perdido por Renato aos 10 minutos, quando pegou rebote na entrada da área pequena e chutou por cima.

No segundo tempo, o panorama do jogo poderia virar logo aos 8 minutos, se Feijão não perdesse gol feito, depois de um erro do bandeirinha Márcio Campos Sales. Neto chutou para a frente, Batata, impedido, entrou para dividir com Valdir, que deixava o gol. O goleiro rebateu nos pés de Feijão que acompanhava a jogada. Com o gol livre, ele tentou levar a bola até a pequena área só que demorou demais e permitiu a recuperação de Ailton.

Aos 11 minutos, Feijão pagou pelo erro. Foi substituído por Claudinho, que passou a jogar mais à frente, enquanto Campos transformou-se em ponta de lança.

Claudinho deu nova vida ao ataque, movimentou-se bastante pelo meio, procurou abrir espaços, caindo pelos lados, mas faltava alguém com decisão para vir de trás, tentando o chute. Pita, novamente muito nervoso, e Campos, sem força física, não conseguiram acompanhar o ritmo que Claudinho pretendia dar.

O jogo ganhou em movimentação com essa tentativa desesperada do Santos para buscar o empate. O São Paulo sabia como usar o espaço no campo adversário para os contra-ataques, e poderia marcar o segundo gol aos 26 minutos, não fosse outro erro inadmissível de arbitragem: Dario Pereira saiu com a bola dominada da defesa, chegou até a sua intermédria e tocou para Renato — e acabou indo até o gol de Marola; Roberto Nunes Morgado viu pela ponta esquerda Zé Sérgio adiantado, e, mesmo ele não tendo qualquer participação na jogada, levantou a bandeira. Como estava do outro lado do campo, pôde-se entender o erro, mas o árbitro estava próximo e também falou.

Aos 27 minutos, Aluisio substituiu João Paulo, e parecia que o jogo estava mais fácil para o São Paulo, mas logo depois, aos 32 minutos, Carlos Alberto substituiu Serginho e Renato por Assis e Alexandre Bueno. Com tais substituições, cedeu todo campo para o inimigo, e o São Paulo passou o resto do jogo defendendo-se em seu campo, sem apresentar o mesmo futebol de toques do primeiro tempo.

O desespero tomou conta da defesa, enquanto o Santos atacava com 9 jogadores. Aos 42 minutos, quase aconteceu o empate, quando Batata recuou para Nelson pela ponta direita, este cruzou alto e Joazinho cabeceou livre. Por sorte de Valdir, a bola veio exatamente em sua direção.

Aquela altura do jogo, não seria mais justo adiar a festa de campeão daquele que foi o melhor time em campo.

Vital Battaglia

São Paulo: Valdir Perez, Getúlio, Oscar, Dario Pereira e Ailton, Almir, Heriberto e Renato (Alexandre Bueno), Paulo César, Serginho (Assis) e Zé Sérgio. Técnico: Carlos Alberto Silva. Santos: Marola, Nelson, Joazinho, Neto e Washington, Toninho Vieira, Pita e Feijão (Claudinho). Nilton Batata, Campos e João Paulo (Aluisio). Técnico: Pepe. Jels, Oscar Scollaro, Renda. Cr\$ 8.952.330,00. Público: 61.130 pagantes (86 menores). Gol: Serginho, aos 40 minutos do primeiro tempo. Cartões amarelos: Nelson, Campos, Pita e Heriberto.

Carlos Alberto: nota 7.

A movimentação de Renato às costas do lateral Washington, com as entradas de Paulo César, pelo meio, foi uma forma muito imaginativa de Carlos Alberto decidir a partida a seu favor. Acentou também ao manter Almir na marcação de Pita, no início do jogo, enquanto Heriberto pegou Feijão. Só foi demasiadamente ousado, e correu sério risco, ao tirar Serginho e Renato de campo, faltando 13 minutos para o jogo acabar, substituindo por dois jogadores de características mais defensivas.

Pepe: desta vez, nota 5.

Nessa partida, pelo menos no segundo tempo, Pepe deixou de lado a política que todo técnico precisa ter e agiu exatamente como se estivesse livre de um pesadelo. Mostrou que Feijão não era o homem para resolver o problema do time; que João Paulo se omitiu na decisão, e, quando deu lugar a Claudinho, mostrou suas preferências, embora já tivesse assinado seu atestado de óbito, como três centroavantes em campo, quando declarou, nestes 20 dias, que não tinha nenhum.

Scollaro e bandeiras: 3.

O que se pode falar do árbitro Oscar Scollaro, que não marcou um pênalti em Renato, viu Pita agredir Heriberto e apenas mostrou cartão amarelo? E do auxiliar Roberto Nunes Morgado, que errou ao marcar um impedimento de Zé Sérgio, que resultaria em gol de Renato, onde a ponta não teve a menor participação na jogada? E do outro auxiliar, Márcio Campos Sales, que deixou de assinalar impedimento de Batata, que quase originou o gol de empate do Santos, e que adriana a decisão do campeonato?

O vice-campeão

Marola foi o melhor jogador em campo. Sem o seu reflexo no chute de Heriberto e outras grandes defesas, o Santos teria perdido feio: 10. Nelson foi um bom marcador, fez poucas faltas e no segundo tempo ainda teve coragem para ir ao ataque fazer cruzamentos na área: 7. Joazinho teve dificuldade em marcar Serginho, levou dribles, fez faltas, mas teve personalidade para ir tentar o gol de empate: 7. Neto quase sempre obrigou a socorrer o lateral esquerdo, ainda defendeu bem o meio. Só não foi bem nos passes: 7. Washington não atacou, que é o seu forte, e ainda abriu todo espaço para Renato jogar, além de ser driblado por Paulo César: 4. Toninho Vieira sobrecarregado na marcação de Renato e também de Heriberto, acabou se perdendo, e não pôde sair para o ataque: 5. Pita não jogou o futebol que todos esperavam. Excessivamente nervoso com a marcação de Heriberto, quase foi expulso: 5. Feijão só procurou jogar no momento em que seu time dominava a bola. Quando estava com o adversário, o problema não era seu: 3. Claudinho entrou aos 11 minutos do segundo tempo e foi o

atacante mais esforçado e lúcido. O único que deu um chute perigoso a gol: 7. Nilton Batata fez uma boa jogada aos 11 minutos do primeiro tempo, pela esquerda. E seu futebol resumiu-se a esse lance: 4. Campos, como centroavante, jogou sempre bem longe da área e não chutou a gol durante toda a partida. Depois, mais recuado, tocou a bola: 5. João Paulo fez duas ou três boas jogadas no começo, depois omitiu-se na marcação de Getúlio, como no domingo. E por isso saiu antes: 4. Aluisio entrou aos 27 minutos do segundo tempo, quando não havia espaço para jogar e pouco pôde fazer de útil: 3.

BOLA DE PAPEL

ALBERTO HELENA JR.

Um campeão, com toda a justiça.

O sábio Zé Nogueira, palestrante desesperado, sentenciava do meu lado, nas cativas: "É como tirar o picolé de uma criança..."
A minha esquerda, saboreando seu Havana muito mais legítimo depois de ter sido brindado com meio bilhete do Sweepstake, Arley Pereira sonhava com o título que seu

tricolor ia conquistando e lamuriava-se da falta de previsão, murmurando para si mesmo: "Se soubesse antes, teria comprado todos os ingressos para assistir a esse jogo sozinho".
Na verdade, o que se viu ontem no Morumbi foi uma das decisões de campeonato mais fáceis dos últimos tempos, tão fácil que um autêntico tricolor poderia saborear-la sozinho nas cativas, juntamente com um Havana mais do que legítimo como o do meu amigo Arley Pereira.
Pois desde os primeiros movimentos de jogo, o São Paulo surpreendeu a todos, quebrando o ritmo do Santos e contrariando a praxe do futebol que comumente revela o time em vantagem na competição fechadinho atrás, explorando o contra-ataque, enquanto o outro, necessitado da vitória, atirando-se à frente em quase desespero. O São Paulo, contudo, ao correr da bola, já se postou em campo como um verdadeiro campeão, agredindo o Santos antes mesmo que este se colocasse em posição ofensiva. Posição, aliás, que a simples enunciação de sua equipe, sem Miro e com Rubens Feijão ao lado de Campos, no miolo do ataque, sugeria.
E logo aos 6 minutos o São Paulo, aproveitando-se sobretudo da sincronizada e fluente combinação pela direita entre Getúlio,

Paulo César e Renato, já havia somado pelo menos duas excelentes chances de gol. Numa delas, num disparo de meia distância de Heriberto, por pouco Marola não foi surpreendido, com a bola quicando no gramado, encobrindo-o e chocando-se com o travessão antes de sair.
Com a lentidão de Rubens Feijão e a impossibilidade de avançar seus laterais, pressionados por Paulo César e Zé Sérgio, embora este não reeditasse ontem seus deslumbrantes desempenhos do segundo turno inteiro, o Santos mal conseguia sair de seu campo. Quando o fazia, era por meio de João Paulo, que ia bem até a entrada da área, somando dribles mas dispersando os cruzamentos inúteis. De positivo, apenas uma incomum disposição de luta de todo o time santista, que procurava a qualquer custo deter as constantes avançadas do inimigo. Nesses instantes, foi gratificante ver o elegante Pita dando carrinhos, destruindo o meio-campo tricolor, rezelando assim um espírito de equipe até então insuspeitado.
E só em virtude de tal empenho é que o Santos não sucumbiu, já no primeiro tempo, diante de placar mais avantajado. Posto que o São Paulo, depois de desperdiçar uma série de bons ataques, só aos 40 minutos conseguiu

chegar ao gol que lhe deu o Campeonato: a investida de Getúlio pela direita terminou com a bola nos pés de Paulo César, que, imediatamente, serviu a Renato já dentro da área, num passe que a muitos pareceu sem destino. Renato, porém, antecipou-se a Neto, contornou o zagueiro santista e, já da linha de fundo, cruzou na medida por sobre Marola e na cabeça de Serginho, que conferiu ao seu estilo.
Bem, tudo indicava que o Santos voltaria dos vestiários a todo vapor e que... Que nada! Logo aos 2 minutos, Paulo César, em duas jogadas subsequentes, teve o segundo gol a seus pés. Neto, porém, salvou nas duas ocasiões, com Marola já batido.
E assim prosseguiu o São Paulo dominando e investindo sobre um Santos que parecia já aceitar o resultado final, até que, numa falha inadmissível do bandeirinha Márcio Campos Sales, que deixou de assinalar um claríssimo impedimento de Nilton Batata, o placar vacilou: Batata surgiu sozinho diante de Valdir, que, desesperado, ao invés de tentar encaixar a bola, pois estava em sua área, rebateu-a com o pé exatamente para o peito de Feijão, isolado na entrada da área. Feijão dominou a bola e o tempo congelou-se no ar. Foram segundos ou uma eterni-

dade? Sei lá. Só sei que Feijão, com o gol à sua disposição, enquanto Valdir, apavorado, entre recuava e quedava-se rezando diante do inevitável, simplesmente deixou-se dominar por Ailton.
Saiu em seguida, e não era para menos. Saiu Feijão, entrou Claudinho, e ganhou o Santos maior mobilidade em seu ataque. Mesmo assim, Renato poderia ter ampliado o marcador, caso Zé Sérgio não se tivesse antecipado na jogada, permitindo ao bandeirinha anular fatal contrapelo tricolor.
Nesses alturas já faltavam apenas uns quinze minutos, quando Carlos Alberto processou duas substituições que, afinal, permitiram aos tricolores extremamente autocomplacidos gelarem nas arquibancadas. O jogo transformou-se então de extremamente fácil a extremamente penoso para os tricolores. Saram Renato e Serginho (este a pedido); entraram Assis e Alexandre. Perdeu o São Paulo completamente o contrapelo e o Santos anulou-o. A bola passou a zunir sobre as cabeças da zaga são-paulina e por duas vezes Valdir teve de praticar defesas difíceis.
Depois, foi apenas o instante da comemoração de um título obtido com toda a justiça por aquele que foi e é o melhor time do futebol paulista na atualidade.

Todos os campeões

Foram 12 títulos, desde 1931 até ontem. E muitas histórias de garra e dedicação, de equipes que jamais aceitaram derrotas.

O São Paulo que entrou em campo ontem contra o Santos, tinha uma grande responsabilidade, além de ganhar o título de campeão: manter viva uma velha tradição de garra, formada por equipes de jogadores de fibra, que jamais aceitaram as derrotas. E assim, no começo de uma nova década — o imaginário limite que caprichosamente o futebol costuma reservar para cada ciclo de vitórias — o São Paulo volta a se reconciliar com o seu brilhante passado.

E desde que nasceu, o São Paulo já tinha as características de um campeão: inicialmente, ficou vice-campeão e, no ano seguinte, conseguiu o título. E nem a paralisação de 1935 foi suficiente para quebrar a garra tricolor, que nos anos 40 retomava o caminho perdido dos títulos e de, na pior das hipóteses, estar sempre participando das grandes decisões.

Nos anos 50, no começo da construção do Morumbi, o clube já não podia viver apenas de um time. Por isso, só em duas ocasiões — 53 e 57 — mostrou a sua verdadeira vocação, interrompendo monótonas séries de títulos divididas entre Santos e Palmeiras.

Nos anos 70, com o estádio completo, houve o início de um novo ciclo, já nem tão infalível, pois os adversários mais fortes se multiplicavam.

Nesses 50 anos de vida, o São Paulo ressurgiu agora com mais força, como se tivesse sendo fundado outra vez, sem esquecer a nobreza e a importância de seus antepassados, sucedendo ao Imortal Paulistano, o time que deslumbrou a Europa em 1925.

O profissionalismo — e, por que não dizer, a popularização do futebol com a fusão das classes — apressou o fim de um dos times mais imponentes da cidade, com suas camisas rendadas e calções de veludo, testemunhas de uma época de luxo e ostentação.

O início, brilhante.

Assim, no time do novo São Paulo — produto da combinação do aristocrata Paulistano e da pobre Associação Atlética Palmeiras — estavam os representantes do jet set do futebol: Nestor, Clodoaldo, Bartô, Luizinho e Friedenreich, El Tigre.

Da mistura de cores do Paulistano e do Palmeiras da Floresta, nasceu a camisa e o distintivo do clube que tinha o nome de sua cidade. E, já no torneio-início, na tarde de 9 de março de 1930, aconteceu a primeira vitória: 3 a 1 contra o Ipiranga, em apenas 15 minutos de jogo.

Como o Guarani não compareceu, o São Paulo passou para a final, empatando com o poderoso Palestra por 1 a 1, mas perdendo pelos escanteios, como determinava o regulamento da competição.

O segundo lugar no campeonato desse ano provou que o Paulistano tinha encontrado um digno sucessor. E, já em 1931, com Junqueira, Araken e Siriri, campeões do Santos de 35; Arandinho e Bino, da Ponte Preta, a grande vitória de 4 a 0, na Floresta, contra o Palestra de Nascimento, Junqueira, Gollardo, Heitor e Romeu.

Friedenreich, é claro, tinha sido o artilheiro com 32 dos 92 gols que o ataque marcou nos 26 jogos do campeonato e o elegante Araken ficou com 18 gols, quatro a mais do que Luizinho Mesquita de Oliveira, o ponta-direita que tinha alma de torcedor.

E, nessa campanha fantástica, aconteceu apenas uma derrota, nos 3 a 2 com o Palestra, no jogo do primeiro turno, em que — depois de um choque com Osas — o goleiro Nestor teve de se afastar do futebol.

Mais três campeonatos e três vices até que — depois de muitas discussões por causa da fusão com o Tietê — o São Paulo paralisou as suas atividades em 14 de maio de 1935. Mas no dia 16 de dezembro, no prédio de número 9-A da rua Orze de Agosto, acabaria ressurgindo, desta vez para sempre.

O título, porém, só viria em 43, na era do Pacaembu, com o gigantesco King, um cigano do Interior que costumava fechar o gol, ou tomar gols incríveis nos clássicos.

Piolim, de São João da Boa Vista, e o clássico Virgílio, formavam a zaga. Zezé Procópio, o alfe dos passes perfeitos, o truculento Zarzur e o talentoso Noronha formavam a linha média. No ataque, nada mais do que Luizinho, o padeiro Sastre, que veio do Independente indicado pelo técnico Ramon Piastero, o imortal Leônidas — que brigara com o Flamengo, o incansável Remo e o valente Pardal, ganharam um campeonato inesquecível.

E chega El Maestro

O Palmeiras e o Corinthians saltaram na frente e quando já estava com 6 pontos perdidos, o São Paulo contratou o ex-juíz e jornalista, Jorge Gomes de Lima — o Joreca — como técnico. Ele, num rasgo de audácia, foi buscar Antônio Sastre, que jogou em seis posições na seleção da Argentina, uma das melhores do mundo.

Estranhando os treinos diários, El Maestro começou muito mal, mas depois do acordo que fez com o técnico, de só treinar nos coletivos, mostrou do que era capaz. A sua matada de bola, colocando a ponta do pé e tirando-a de repente, como fazia com os pés no forno de sua confeitaria, era comentada com assombro pelos outros jogadores.

Com Sastre em forma, o São Paulo não perdeu mais e foi campeão. Sem dar o direito de reclamações aos seus adversários. Em 45, aproveitando as boas relações com o Fluminense (todos os anos realizavam-se as Olimpíadas tricolores, onde todos os times — do infantil ao profissional — se enfrentavam), Paulo Machado de Carvalho trouxe o goleiro Gijo, o centro-médio Rui e o central Renganeschi, montando uma das mais perfeitas defesas de nosso futebol.

Foi a época também do aparecimento da imortal linha média formada por Bauer, Ruy e Noronha, em que todos começaram a jogar como centromédio. Assim que o jogo começava, os atacantes humildemente, passavam a marcar os três craques, um fato inédito na época.

Campeão, em 45, com 6 pontos de vantagem sobre o Corinthians, o São Paulo reservava porém, momentos ainda melhores para a sua orgulhosa torcida. Em 46, com um gol de Renganeschi, inutilizado na ponta esquerda, veio a conquista do campeonato, sem uma derrota sequer.

Luizinho e Sastre já haviam se despedido em 48, o que não impediu o título da temporada e do ano seguinte também, com o gaúcho Mário no gol, a revelação de Mauro na zaga, e as contratações bem-sucedidas, dos cariocas China, Ponce de León, Friaça,



Em 1931 (à esquerda), o São Paulo conseguiu o seu primeiro título. Seu time tinha



campeão de 1943, já contando com a figura lendária do argentino Sastre. De pé: Zarzur, Piolim, King, Virgílio, Zezé Procópio e Noronha; Luizinho, Sastre, Leônidas, Remo e Pardal.



Em 1945, o São Paulo conseguia mais um título, o primeiro depois da crise de 1935, quando o clube suspendeu as suas atividades. O campeão de 45: Paulo Machado de Carvalho, Rui, Bauer, Piolim, Gijo, Renganeschi, Noronha e Joreca (o técnico). Agachados: Luizinho, Sastre, Leônidas, Remo e Teixeira. No ano seguinte, em 1946, o São Paulo conseguiria um título que não tinha na sua coleção: bicampeão. E o time que conseguiu essa proeza foi o mesmo que havia sido campeão no ano anterior.



Em 1948, o São Paulo já não contava mais com duas das suas grandes estrelas: o argentino Sastre e o ponteiro Luizinho. Mas nem mesmo isso o impediu de ser novamente campeão paulista, com um time onde apareciam as figuras de Mauro e Ponce de León. O time campeão: Ruy, Savério, Mauro, Mário, Bauer e Noronha. Agachados: China, Ponce de León, Leônidas, Remo e Teixeira.



Em 1949, outro bicampeonato, com Ruy, Savério, Mauro, Mário, Bauer e Noronha. Agachados: Friaça, Ponce de León, Leônidas, Remo e Teixeira.



Em 1953, o São Paulo ficou campeão com este time: Alfredo Ramos, De Sordi, Pé de Valsa, Poy, Mauro e Bauer. Maurinho, Albella, Gino, Negri e Teixeira.



Em 1957, o São Paulo ficou campeão graças ao carisma de Zizinho. O time naquele ano: De Sordi, Poy, Sarará, Ribeiro, Vitor, Mauro e o técnico Bella Gutman. Agachados: Maurinho, Amauri, Gino, Zizinho e Canhoteiro.



Durante a construção do Morumbi, o São Paulo não teve nenhum grande time. E só em 1970 (acima), foi outra vez campeão. O time: Bené, dr. Dalzell, Tenente, Eduardo, Picasso, Gilberto, Sérgio, Lima, Edson, Dias, Lourival, Forlan, Jurandir. Agachados: Everaldo, Carlos Alberto, Paulo, Terto, Miruca, Gérson, Zé Roberto, Toninho, Nenê e Paraná. Em 1971 (à esquerda), o time do São Paulo conseguiria o terceiro bi-campeonato da sua história, contando com a garra de Forlan e Pedro Rocha, e com a liderança de Gérson. O time campeão: Jurandir, Sérgio, Gilberto, Arlindo, Edson e Forlan. Agachados: Terto, Pedro Rocha, Toninho, Gérson e Paraná.



Em 1975, com ex-juvenis e alguns craques, outro título. O time: Valdir Perez, Gilberto, Nelson, Paranhos, Chicão e Arlindo. Agachados: Terto, Murici, Serginho, Pedro Rocha e Piau.



Santo Cristo e Lelé, na tentativa de restabelecer uma nova ala direita poderosa.

O São Paulo se reconciliaria com os títulos só no fim dessa geração de ouro. Em 53, com Pé de Valsa no lugar de Ruy, Alfredo no de Noronha e Poy, no de Mário.

Maurinho veio do Guarani; Gustavo Albella do Benfield e, com Gino, o argentino Negri e o eterno Teixeira na ponta esquerda o São Paulo montou outro ataque de respeito.

Em 57, o carisma de Zizinho — como o de Sastre nos anos 40 — tornou o time invencível. No gol ainda estava Poy; De Sordi e Mauro na zaga e uma nova linha média

garantia o status do passado. Na posição de apoiador, estava o clássico Dino Sani.

O violento Vitor, ex-Juventus, que jogava sem a dentadura, e o discretíssimo Ribero, completavam o setor. Além de Zizinho, o intelectual do time, havia a fibra de Amauri, os piques de Maurinho, as cabeças de Gino e as extravagâncias de Canhoteiro, o one man show.

A construção do Morumbi reduziu às cinzas os grandes esquadões. E só em 70 a velha chama são-paulina ressurgiu. Voltando a ser grande investidor, com os recursos do carne Paulistão, o São Paulo finalmente foi chamado outra vez de campeão.

Forlan e Pedro Rocha trouxeram um pouco da garra uruguaia, e Gérson a liderança que faltava. Sérgio, Jurandir, Arlindo, Edson, Gilberto, Paulo, Carlos Alberto, Toninho Guerreiro e Paraná fizeram o resto. Em 71 veio o bicampeonato.

Com o infatigável Poy no comando, ex-juvenis e alguns craques experientes no time, o São Paulo ganhou disparado o campeonato de 75. E a Ponte Preta teve muito a ver com isso, pois vendeu ao São Paulo Nelson, Valdir Perez, Samuel, Chicão e Teodoro, em épocas diferentes. No Morumbi, participando de um time conquistador, conseguiram o seu primeiro título. Além da série de 33 jogos invictos, o São Paulo lançava

algumas revelações que sobreviveram aos acidentes da carreira, como Serginho, e outras que ficaram no meio do caminho, como Mirandinha, Murici e Zé Carlos.

Mas apesar dessas contrariedades, o principal é que o São Paulo, por mais um ano, havia preservado a sua espécie de campeões. Como naquela noite de 16 de dezembro, num prédio da rua Onze de Agosto, em que românticos acadêmicos de Direito e sonhadoras dirigentes assumiram o compromisso de reviver o Paulistano. Sem saber que o seu exemplo ainda inspiraria muitas outras gerações.

Sérgio Baklanov

O seu campeão

A campanha foi dura e trabalhosa. O São Paulo precisou usar 28 jogadores para chegar à conquista do título de campeão paulista de 1980, dirigidos por um treinador de só 36 anos.



Carlos Alberto Silva, o técnico campeão paulista de 1980, iniciou sua carreira em Nacional do Carmo, em 1966. Dirigindo equipes humildes, Carlos Alberto conquistou só dois títulos nacionais em sua terra natal, Incentivo em 77 e Juvenil em Minas Gerais, pela Caldense; depois foi campeão paulista da Primeira Divisão com Catanduense (74) e vice pelo Formiga (69). Quando chegou a Campinas em 78 para dirigir o Guarani, serviu até para piadas dos paulistas. Mas amou o time e, surpresa, foi campeão brasileiro. Carlos Alberto foi contratado pelo São Paulo e se apresentou dia 3 de janeiro de 1980. Traçou um plano, chamado de desmilitarização, mas não foi bem na Taça de Ouro. No Campeonato Paulista, em 77, foi campeão brasileiro; em 78 era o terceiro da sua posição na Seleção Brasileira que jogou na Argentina.



Valdir (Valdir Perez Arruda) é um dos jogadores mais experientes do atual elenco do São Paulo, e o mais antigo no time. Um goleiro de estilo bonito e seguro, inteligente e frio, e de uma elasticidade impressionante, Valdir tem hoje 29 anos de idade e jogou 37 partidas. Nasceu em Garça, Estado de São Paulo, no dia 2 de janeiro de 1951 e iniciou sua carreira lá mesmo, em 1968.

Dois anos depois seu futebol e suas defesas incríveis foram descobertos pela Ponte Preta, onde foi campeão do Paulistão em 71. Antes, ainda jogando pelo Garça, ajudou o time a ser o campeão da Segunda Divisão.

No dia 28 de agosto de 1973 assinava contrato com o São Paulo. No ano seguinte, os "milagres" de "São" Valdir ficaram conhecidos no Brasil inteiro e ele foi convocado por Zagallo para a Seleção que disputou a Copa da Alemanha. Em 75, conquistou seu primeiro título paulista; em 77, foi campeão brasileiro; e em 78 era o terceiro da sua posição na Seleção Brasileira que jogou na Argentina.

— Um título é o próprio currículo de um jogador, sua consagração e reconhecimento de todo o trabalho. Mas agora para mim o importante é voltar à Seleção Brasileira. E tenho certeza que serei convocado porque esse é meu principal objetivo e tenho futebol suficiente para voltar.



Geílido (Geílido Costa de Oliveira), titular absoluto do lateral direito do São Paulo e da Seleção Brasileira, vive atualmente a melhor fase de toda a sua carreira, iniciada nos equipes juvenis do Atlético Mineiro. Jogou 33 jogos neste Campeonato.

Nascido em Belo Horizonte no dia 26 de fevereiro de 1954, Geílido já impressionava pelas suas chutes fortes e carteira de direita que ajudaram o Atlético a conquistar quatro títulos consecutivos juvenis, profissionalizado, em 76 era campeão mineiro pelo Atlético.

Mas sua primeira convocação para a Seleção Brasileira foi em 74, nas eliminatórias da Copa do Mundo. Voltou em 76 com Brondão, no bicentênio da Independência dos Estados Unidos.

No São Paulo foi campeão brasileiro de 77, com seus chutes fortes e estilo agressivo, embora seja também um bom marcador. Segundo Geílido, o título paulista, inédito em sua carreira, é um prêmio à sua atual forma.

— Foi prejudicado uns tempos pelas contusões seguidas. Mas com esforço me recuperei, e vivo minha melhor fase. Este ano marquei uns 20 gols e no São Paulo sou o vice-artilheiro, atrás do Serginho.

Geílido mede 1m75 e pesa 77 quilos, e reformou contrato com o São Paulo há dois meses. Antes, chegou a ter seu posse colocado à venda.



Oscar (José Oscar Bernardi), zagueiro central, nasceu em Monte Siso no dia 20 de junho de 1954. Tem 1m84, 79 quilos e é formado em Fisioterapia. Começou a carreira como amador em Monte Siso e em 72 transferiu-se para a Ponte Preta como juvenil. Um ano depois passou a profissional e em 74 vestiu pela primeira vez a camisa da Seleção, durante o Campeonato Sul-Americano disputado no Chile.

Em 77 participou das eliminatórias da Copa do Mundo, mas como reserva. Na Argentina, porém, foi o titular e um dos melhores da Seleção. Isso lhe valeu, dois anos depois, um contrato milionário com o Cosmos de Nova Iorque. Mas Oscar não teve sucesso no futebol norte-americano e acabou se transferindo para o São Paulo no dia 23 de julho. No São Paulo é o capitão do time e um dos jogadores mais bem pagos do futebol brasileiro.

— Dificilmente é superado nas bolas altas e é considerado um jogador de grandes recursos. Este é o seu primeiro título de campeão como profissional. Participou de 20 jogos. Antes, foi vice-campeão paulista pelo Ponte Preta, em 77.

— Esse título é uma grande satisfação profissional para mim. Quando cheguei ao São Paulo tinha certeza de que conseguiríamos ser campeões. E agora nos sentimos recompensados pelo bom trabalho de equipe que nós fizemos. Houve união e humildade em nosso elenco. Tenho certeza que o nosso título foi justo.



Renato (Carlos Renato Frederico) foi contratado pelo São Paulo no dia 1º de fevereiro deste ano. Naquela ocasião, o investimento dos dirigentes causou espanto, pois era o maior já realizado entre dois clubes brasileiros. Pelo passe do jogador, o São Paulo pagava ao Guarani o considerável soma de Cr\$ 12,5 milhões.

Hoje ficou provado que esse investimento compensou. Renato deu outra movimentação ao meio campo do São Paulo, com seus piques e dribles habilidosos, próprios de um craque, realizando com Serginho uma boa dupla de ataque. Jogou 30 partidas neste campeonato.

Renato começou sua carreira jogando pelo Buanópolis Futebol Clube, e em 74 foi para Campinas defender o Guarani. Profissionalizou-se em 76 e dois anos depois foi campeão brasileiro pelo Guarani, sendo considerado a revelação do torneio, com Caraca.

Na Seleção Brasileira, foi convocado pela primeira vez no amistoso contra o Ajax, sendo chamado depois para a Copa América e outras amistosas, na condição de reserva de Zico.

— Minha realização como jogador acontecerá no dia em que eu for campeão do mundo como titular. E acho que tenho condições para isso, embora reconheça que o Zico esteja numa fase sensacional. Mas para mim o Campeonato Paulista foi muito importante: é o primeiro título regional de minha carreira.

Heriberto (Heriberto Laquinha da Cunha) nasceu em Santa Rita do Sapucaí, interior de Minas Gerais, no dia sete de abril de 1960. Sem dúvida, é um dos jogadores mais desconhecidos do torcedor do São Paulo, já que somente foi fixado como titular da meia-esquerda com a chegada do técnico Carlos Alberto Silva.

Jogar com a camisa número dez do São Paulo, ao lado de jogadores consagrados como Oscar, Geílido, Serginho, Renato e Zé Sérgio, chegou a assustar esse garoto tímido, de 20 anos de idade, no começo da temporada. Depois, foi-se firmando e tornou-se importante na atual esquema do São Paulo, que defendeu 34 vezes no torneio.

Heriberto reformou seu contrato em junho passado e seu salário, comparado aos demais jogadores, é dos mais baixos: Cr\$ 26 mil mensais.

— Para quem veio do juvenil como eu, no começo do ano, considero meu salário excelente. Não posso me preocupar com isso agora, porque tudo tem seu momento certo e o que vale é o título de campeão paulista. Devo muito ao Carlos Alberto, que acreditou em mim.

Heriberto tem apenas 1m60 e pesa 67 quilos. Foi apresentado aos dirigentes do São Paulo em agosto de 77 pelo ex-meio-valante Fernando e, segundo o treinador Carlos Alberto Silva, "tem um grande futuro".



Edu (Carlos Eduardo da Silva), 31 anos, ponta-direita, jogou 17 vezes, todas no primeiro turno, antes de ser emprestado ao Sport de Recife, onde conquistou o título de campeão pernambucano. Chegou ao São Paulo em março de 78, ainda no tempo de Rubens Minelli, comprado ao Palmeiras, onde jogou por dez anos, por Cr\$ 2,2 milhões. Sua estreia foi contra o Atlético Mineiro, pela Taça Libertadores da América. Além do título conquistado este ano em Pernambuco, Edu foi campeão paulista em 72, 74 e 76, e bicampeão brasileiro em 72 e 73, todos esses títulos conquistados pelo Palmeiras.

Gassem (Gassem Salim Yousef), quarto-zagueiro, foi contratado pelo São Paulo no dia cinco de fevereiro de 1980 para acionar o meio de defesa, que não tinha ido bem no Campeonato Paulista, vencido no dia anterior pelo Corinthians. Gassem surgiu no Paraná como a maior revelação da quarta zaga, defendendo o Colorado, e como a mais completo da posição em 79, ano em que ganhou a "chuteira de ouro".

Com apenas 22 anos — nasceu em Curitiba no dia 18 de março de 58 —, esse jogador de nome estranho e 1m80 era contratado por empréstimo de seis meses, com posse estipulada em sete milhões. Em 1º de agosto, o São Paulo o contratava em definitivo.

Começou sua carreira jogando como armador do Clube Atlético Paranaense, de Curitiba, e depois transferiu-se em 75 para o Colorado. Foi bicampeão juvenil em 76 e vice estadual em 77 e 79, já como profissional.

Gassem, porém, começou a perder sua posição de titular no São Paulo no final do primeiro turno, quando Oscar e Dario formaram a dupla ideal. Mas ainda assim jogou 27 partidas.

— Vir para um clube como o São Paulo para mim já foi uma surpresa maravilhosa porque sonhava em jogar num time grande daqui. Imagina então o que representa ser campeão paulista para quem nunca conseguiu um título profissional.

Alexandre Bueno (Alexandre de Gusmão Bueno), meia-armador, completa 29 anos dia 17, jogou 15 vezes, geralmente entrando no 2º tempo, como opção do técnico para mudar o jogo, por sua experiência, bom toque de bola e lançamentos longos. Nasceu em São Paulo e começou a carreira no infantil do Santos, em 67. Depois, este no Botafogo de Ribeirão Preto, Guarani, Grêmio, Portuguesa, Goiás e Atlético Goianiense, onde o São Paulo foi buscá-lo em agosto deste ano. "Embora tenha passado por muitos clubes, este é o meu primeiro título profissional. Valeu a pena esperar, a satisfação é enorme, pois sou são-paulino."



Dario Pereira (Alfonso Dario Pereira Bueno), quarto-zagueiro, nascido dia 20 de outubro de 1956 em Montevideo, no Uruguai. Chegou ao São Paulo em outubro de 1977, depois de muito esforço dos dirigentes do clube para trazê-lo do Nacional. Nesse mesmo ano, conseguiu ser campeão brasileiro, mas nem tudo foi fácil para esse jogador.

Somente neste ano, jogando ao lado de Oscar no meio da zaga, é que Dario conseguiu se firmar no time do São Paulo, participando de 31 partidas. Antes, embora tivesse provado suas boas condições técnicas jogando como meio, nunca aprovou fisicamente: ficou fora de muitos jogos por contusão.

Lá no Uruguai, Dario era um jovem ídolo. Foi campeão sul-americano juvenil em 75 e duas vezes campeão uruguaio pelo Nacional, quando foi contratado pelo São Paulo.

— Aqui no Brasil está a melhor fase que atravesso desde 77. Mas não tenho necessidade de responder a alguém que me critica quando passava por um período difícil. Não sou de guardar mágoas.

Com 24 anos, Dario renovou seu contrato com o São Paulo por mais dois anos. Tem 1m80 de altura e pesa 80 quilos. Abandonou a faculdade de Ciências Econômicas no Uruguai quando se transferiu para o Brasil.



Ailton (Ailton Ravanigni), lateral-esquerda, nasceu em São Paulo, Parque São Domingos, no dia 19 de maio de 1959. Tem 1m75 e 71 quilos. Começou a carreira no São Paulo, em 73, como dente-de-leite. Ele foi indicado por Paranhos, ex-zagueiro do clube. Nesse ano ganhou seu primeiro título: campeão paulista de dente-de-leite.

Foi lançado no time principal no dia 19 de maio de 78, contra a Ponte Preta. Estava recentemente na Seleção Brasileira de Novos, dirigida pelo atual técnico do Flamengo, Nelsinho. Ailton é um lateral bastante técnico e tem facilidade para apoiar o ataque, embora não seja perfeito na marcação.

Na primeira partida do quadrangular do segundo turno, foi culpado pela derrota diante do Internacional, ao falhar no gol que deu a vitória ao time de Limeira. Mas Ailton foi prestigiado por Carlos Alberto Silva e continuou no time nos jogos seguintes. Esse é o seu primeiro título de campeão como profissional, e ele foi o jogador que de mais jogos participou, 41.

— Tenho certeza de que tudo não estava terminado naquele jogo contra o Internacional. Acreditava na capacidade do time e na personalidade do nosso técnico. Por isso, o São Paulo se recuperou e chegou ao título. Ninguém pode duvidar que merecemos ser campeões, pois fizemos um bom trabalho no Campeonato Paulista.



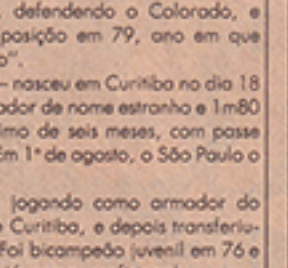
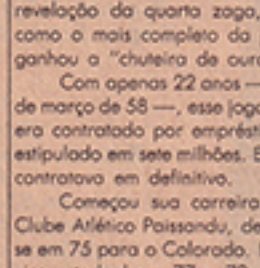
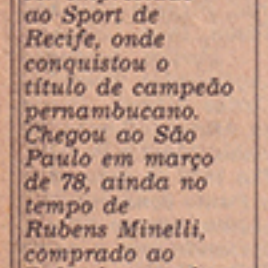
Almir (Almir José Gil), meio-valante, chegou ao São Paulo no final do primeiro turno do Campeonato Paulista. Sua missão era difícil: substituir o ídolo 1983, negociado com o futebol norte-americano depois de muitos anos como titular. Mas Almir não se preocupou, sua experiência no futebol lhe dizia que isso só poderia prejudicá-lo.

Apontado por muitos como limitado e pouco técnico, Almir agitou a posição nos três últimos jogos do primeiro turno e participou de todos do segundo e do quadrangular, num total de 28 partidas, mostrando muita regularidade na marcação.

Além de destruir os jogadores adversários, Almir está acostumado também aos títulos e decisões. Em 72 foi campeão pelo Figueirense em Santa Catarina; em 74 repetiu a conquista e se transferiu para o Avaí, onde ficou quatro anos. Em 78 foi contratado pelo Coritiba para ser duas vezes consecutivas campeão paranaense.

Quando eu cheguei ao São Paulo sabia que era um desafio para mim. Precisava jogar num grande centro, mas o time vinha mal no primeiro turno.

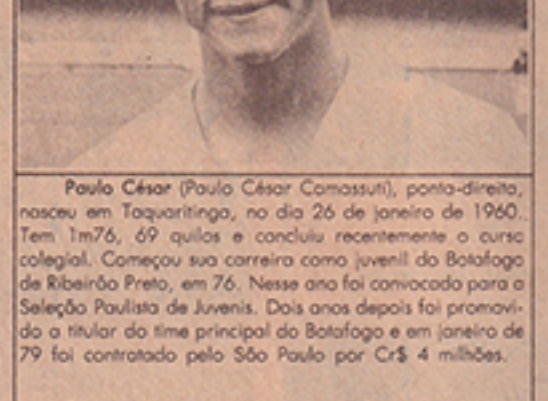
Almir não tem mais sonhos de defender a Seleção Brasileira. Tem consciência de que nem seu estilo (sô desarme) nem sua idade (27 anos) ajudam, além de reconhecer em Batista o jogador ideal para a posição. Por isso, tem outro objetivo: ser campeão brasileiro e paulista.



Ney (Rodney Rox), 28 anos, zagueiro central, jogou 28 vezes, servindo como "coringa" da defesa do São Paulo. Começou no juvenil do São Bento, onde se profissionalizou em 73. Em 75, foi para o Santos, transferindo-se para o Botafogo de Ribeirão Preto em 78. Veio para o São Paulo em janeiro deste ano e mostrou fibra.

Toinho (Antônio Francisco dos Santos), 27 anos, goleiro, jogou 7 vezes, por causa da excelente fase de Valdir Perez, mas sua presença no banco — ele é um dos que mais gritam com os companheiros — dá muita segurança ao time. Começou no Flamengo do Piauí e foi para o Sport de Recife, vindo para o São Paulo em 77, conquistando o título brasileiro.

Zizinho (Geraldo Francisco dos Santos), 18 anos, ponta-de-lança, jogou 13 vezes. Recém-profissionalizado, começou a carreira em 76, no infantil do São Paulo. Dois anos depois, foi campeão juvenil "C". Em 79, campeão juvenil "B". Carlos Alberto Silva o considera um jogador de grandes recursos técnicos.



Paulo César (Paulo César Camassini), ponta-direita, nasceu em Taquaritinga, no dia 26 de janeiro de 1960. Tem 1m76, 69 quilos e concluiu recentemente o curso colegial. Começou sua carreira como juvenil do Botafogo de Ribeirão Preto, em 76. Nesse ano foi convocado para a Seleção Paulista de Juvenis. Dois anos depois foi promovido a titular do time principal do Botafogo e em janeiro de 79 foi contratado pelo São Paulo por Cr\$ 4 milhões.

Foi considerado a grande revelação do interior, em 79, mas no São Paulo, antes de se firmar como titular, sofreu duas contusões (distensão muscular e torção), por isso ficou afastado do time por algum tempo. Atualmente Paulo César tem muita importância no esquema de Carlos Alberto Silva. Além de ser veloz e driblador, também funciona na marcação. Realizou 38 jogos, e acha que o vitória São-paulina foi coisa natural.

— Esse título não chega a ser surpresa, porque hoje estou no São Paulo, onde sempre houve condições para disputar os jogos com tranquilidade. Eu fiquei surpresa foi com a minha vinda para o Marumbi, pois estava começando a me destacar no Botafogo. Mas é claro que estou muito feliz, já que esse é o meu primeiro título em toda a minha vida. Nem como juvenil cheguei a ganhar alguma coisa.



Serginho (Sérgio Bernardina) jogou 30 partidas e é indiscutivelmente um dos jogadores mais polêmicos e indisciplinados do futebol paulista. Mas também é um dos melhores centroavantes brasileiros da atualidade e um dos principais responsáveis pela conquista do título pelo São Paulo este ano, com seus gols decisivos.

Sérgio candidato à camisa nova da Seleção Brasileira na Copa do Mundo, este pode ter sido o último campeonato de Serginho com a camisa do São Paulo. Aos 26 anos, 1m88 e 84 quilos, carioline, sua transferência para o Inter de Porto Alegre é tida como certa, apesar dos desmentidos.

Serginho iniciou como juvenil, jogando na ponta esquerda. Mas logo sua posição foi localizada, justamente pela facilidade de marcar gols. Como centroavante, foi campeão paulista em 75, além de artilheiro do torneio, em 77, seria campeão brasileiro, de novo artilheiro. Mas no último dia de fevereiro do ano seguinte seria suspenso por 11 meses por agressão ao bandeirinha Vandevildo Romel.

Por isso, não foi à Copa da Argentina, pois normalmente seria convocado por Coutinho. Indisciplinado, muitas expulsões, sua imagem não poderia mudar. E neste ano, mesmo ficando mais de dez jogos sem marcar, voltou aos gols nas partidas decisivas e é o artilheiro do time.

— Sou o melhor centroavante do Brasil e vou ser titular da Seleção na Copa.

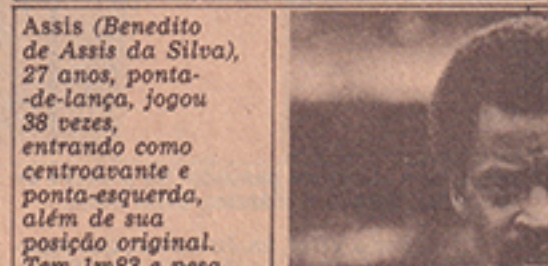


Zé Sérgio (José Sérgio Presti) é a melhor opção de ataque do São Paulo. Ponta-esquerda veloz, driblador, sabe usar bem os dois pés e participou 32 jogos. Essas qualidades fazem de Zé Sérgio um jogador raramente desperdiça uma jogada. Aos 22 anos de idade, ele é considerado o melhor jogador brasileiro na posição.

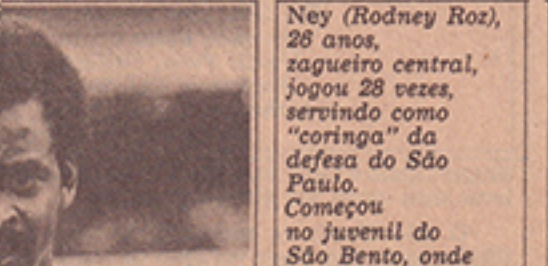
Natural de São Paulo, começou a carreira em 73 como infantil do São Paulo. Em 77 passou ao time principal e nesse mesmo ano foi campeão brasileiro. Esteve na Copa da Argentina como reserva, mas atualmente é titular na Seleção.

Antes do primeiro jogo decisivo contra o Santos, passou pelos piores dias de sua vida, ao ficar comprovado uma substância considerada doping no material recolhido após o segundo jogo contra o Internacional de Limeira. Zé Sérgio — 1m71 de altura e 69 quilos — foi suspenso provisoriamente por 60 dias, mas esta punição durou apenas 72 horas. Agora, ele aguarda o julgamento no TJ/DF da Federação Paulista, mas há grandes chances de ser absolvido.

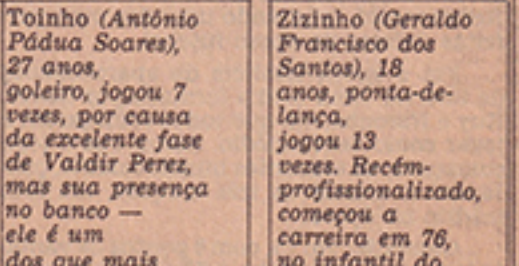
— Felizmente esse problema está quase superado e esse título será importante na minha carreira. O São Paulo, por tudo que fez no Campeonato Paulista, merece vencer. Sinceramente estou muito feliz, pois além do título recebo apoio de todos, no momento mais difícil da minha vida.



Assis (Benedito de Assis da Silva), 27 anos, ponta-de-lança, jogou 38 vezes, entrando como centroavante e ponta-esquerda, além de sua posição original. Tem 1m83 e pesa 72 quilos. Começou no São José em 73, foi para o Inter de Limeira em 76 e no ano seguinte ajudou a Francana a subir para a Primeira Divisão. Por Cr\$ 2 milhões foi comprado em dezembro de 79. "Esse título é importante para mim por dois motivos: vai ajudar a minha carreira e é uma resposta aos diretores do Palmeiras que acertaram a minha compra e desistiram no dia seguinte."



Ney (Rodney Rox), 28 anos, zagueiro central, jogou 28 vezes, servindo como "coringa" da defesa do São Paulo. Começou no juvenil do São Bento, onde se profissionalizou em 73. Em 75, foi para o Santos, transferindo-se para o Botafogo de Ribeirão Preto em 78. Veio para o São Paulo em janeiro deste ano e mostrou fibra.



Toinho (Antônio Francisco dos Santos), 27 anos, goleiro, jogou 7 vezes, por causa da excelente fase de Valdir Perez, mas sua presença no banco — ele é um dos que mais gritam com os companheiros — dá muita segurança ao time. Começou no Flamengo do Piauí e foi para o Sport de Recife, vindo para o São Paulo em 77, conquistando o título brasileiro.

Participaram ainda da campanha os seguintes jogadores: Viana (hoje na Coritiba, trocado pelo Almir) com nove jogos; Flavinho, com oito; Teodoro (está nos Estados Unidos) e Ailton Lira (na Arábia Saudita) com sete partidas cada; Jaime (emprestado ao Sport, onde se sagrou campeão pernambucano) com seis partidas; Marlião (emprestado até dezembro ao Colorado) jogou cinco vezes; Fumê e Tatu (juvenis) e Lúis Muller (emprestado ao Joinville) com três partidas; e Ferreira (juvenil) participou de um jogo.

São Paulo campeão

A FESTA

Muito pó de arroz, rojões e brigas.

Nem mesmo alguns dos torcedores mais fanáticos do São Paulo arriscavam palpites otimistas para o jogo de ontem à noite. A possibilidade de que os times não se empenhassem muito pela vitória, pensando em uma renda excepcional no domingo, pode ter sido uma das razões que contribuiu para o público não passar das 61 mil pessoas. Assim a festa pelo título acabou limitada a um grupo não muito grande de persistentes torcedores. E antes de comemorar, nas arquibancadas, os são-paulinos tiveram ainda de enfrentar a socos um grupo de irritados santistas.

Até o final do jogo, o policiamento estava surpreso pela tranquilidade no estádio. Nada além dos casos de rotina, principalmente excessos alcoólicos.

— Ainda bem que a decisão não envolveu o Corinthians. Isso contribuiu para manter o clima tranquilo — comentava o capitão Ruivo, chefe do Policiamento Interno.

O capitão só estava aborrecido porque não pôde evitar os rojões no meio da torcida. Segundo ele, os fogos estavam armazenados dentro do próprio estádio e eram fornecidos às torcidas através de conselheiros do São Paulo que ocupavam duas cabines de televisão, especialmente cedidas a eles.

Minutos depois do fim do jogo, muitos são-paulinos desistiram de esperar pela volta olímpica e passaram a festejar com samba e cerveja, atrás das arquibancadas. Os torcedores do Santos, irritados, passaram a agredir os são-paulinos, que revidaram imediatamente.

O policiamento foi apanhado desprevidado e a briga durou poucos minutos. Torcedores saíram sangrando pela boca e nariz e um policial percebeu quando um deles levou uma facada na perna. Inexplicavelmente, o ferido preferiu não procurar o serviço médico do estádio e desapareceu.

Em outro local do estádio, na sede social, o advogado e conselheiro do São Paulo Eício Roberto Sarti acusava a Polícia Militar de tê-lo espancado sem qualquer motivo. Eício apenas tinha solicitado a intervenção dos policiais para conter torcedores santistas que apedrejavam a sede.

— Quero fazer um exame de corpo delito e em seguida cuidarei de uma representação contra esses policiais — comentava ele, enquanto era levado à concentração do São Paulo, onde seria atendido por um médico.

No meio dessa confusão final, dois torcedores encontraram o garoto Néison Nakamura, de doze anos, desmaiado no anel externo da arquibancada.

Nakamura foi agredido a socos sem qualquer razão aparente e sofreu um corte profundo na base da língua, um dos casos mais graves atendidos pelo serviço médico. As pedras atiradas da arquibancada sobre as numeradas acabaram atingindo o jovem Marcos, 19 anos, que levou 15 pontos na cabeça. E Jorge de Souza, 16 anos, foi ferido entre os olhos por um pedaço de bambu também jogado das arquibancadas.

As torcidas organizadas do São Paulo comemoravam o título, jogando pó-de-arroz, rolos de papel higiênico e agitando plumas vermelhas e pretas. (Só a Torcida Uniformizada, levou ao Morumbi 1 tonelada de pó-de-arroz e 2.000 rolos de papel.) Os rojões praticamente se esgotaram na entrada do time e depois do gol de Serginho.

Em baixo, Antônio Carlos Sanchez conseguiu burlar cinco policiais e dois cachorros, correu para o meio do campo, ajoelhou-se e beijou a grama duas vezes. Menos sorte teve João Baptista, que saltou das numeradas inferiores com mais nove são-paulinos e foi o único que não pôde comemorar a vitória no gramado: acabou mordido no braço direito e na perna direita por um dos pastores alemães da Polícia Militar, levando quinze pontos.

O Posto Médico anotou ainda duas suspeitas de fraturas, cujas vítimas foram encaminhadas para o Pronto Socorro de Santo Amaro. Talvez porque o público não era grande ou porque o campeão é o dono do Estádio do Morumbi, os torcedores das arquibancadas puderam descer sem problemas ao vestiário e saúgar para abraçar jogadores e cumprimentar dirigentes e o técnico pelo título. Entretanto, os mais ruidosos preferiram abandonar rapidamente o local, seguindo para a avenida Paulista, onde se reuniram muitos são-paulinos.

Os presidentes das torcidas organizadas do São Paulo acham que a festa no estádio ficou muito aquém da importância do título. E garantem uma comemoração-monstro no próximo jogo do São Paulo, um amistoso que o time fará no dia 28 contra a Seleção da União Soviética.

Na avenida, a festa são-paulina. Sem champanha.

Eram onze horas da noite quando os primeiros torcedores campeões chegaram à avenida Paulista. Os vendedores de bandeiras já estavam esperando a torcida, com faixas de "São Paulo Campeão" a 100 cruzeiros, mas fizeram poucos negócios. Os carros dos são-paulinos buzinavam, e o shopping na esquina com a alameda Joaquim Eugênio de Lima tratou de baixar suas portas, logo seguido pelos bares da avenida.

Os primeiros torcedores a chegar à Paulista não estiveram no estádio. O mackenzista Reinaldo Medeiros saiu direto de uma prova de Análise de Balanço para dar o grito de "São Paulo é campeão". Ele foi fazer a prova com a camisa do time porque seu professor de Economia é santista.

— Por isso, tudo deu certo: ganhamos o título e fui bem na prova.

As 23h05 começou a garoar. Mais cinco minutos e o trânsito começava a parar. As 23h15, os carros já não passavam pela torcida. Começaram a estourar os rojões, papel picado foi aparecendo junto a pouco talco. As 23h30 um contingente da Polícia Militar bloqueou quatro quarteirões para a torcida beber sua cerveja (em lata). Da avenida Brigadeiro até a Pamplona, os são-paulinos podiam fazer festa.

Só que sobrou espaço e faltou champanha, aquele prometido pela Torcida Uniformizada Tricolor, e Cido Silva, um de seus organizadores, preferia falar do título:

— O São Paulo precisava ter ganho com mais gols, 1 a 0 foi pouco.

Na sua opinião, Dario Pereira foi o melhor do jogo, mas a Tusp dedica a conquista do título a Zé Sérgio.

Um torcedor subiu no sinal em frente ao prédio da Gazeta e amarrou a bandeira tricolor no alto, amparado por outros quatro. Então os são-paulinos começaram a gritar: "Foi macaca no almoço e peixe no jantar".

Apenas uma ocorrência policial. Um torcedor santista tentou abrir a bandeira do clube e foi imediatamente retirado pelos policiais do meio dos são-paulinos. E, embora fosse proibido, ambulantes vendiam rojões atrás de uma banca de jornal.



Oscar, um futebol regular. Mas o suficiente para segurar o Santos.



Renato, um dos melhores em campo...



...ao lado do excelente Marola.



Depois de cinco anos, a torcida saiu das ruas para comemorar.

O VICE CHORA

No ambiente triste do vestiário do Santos, onde jogadores e dirigentes evitavam as entrevistas, o técnico Pepe, que não conseguia esconder a frustração de ter perdido o título de campeão paulista para Carlos Alberto Silva, o treinador do São Paulo, começou a falar de seus planos. Num canto do vestiário ele, cercado por repórteres, não escondia suas mágoas causadas pelos problemas que enfrentou nesses catorze meses de trabalho no clube:

— Este ano foi muito difícil para mim. Enfrentei todo tipo de problemas, recebi críticas de todos os lados e fui muito pouco apoiado. Nesse período eu procurei realizar um trabalho honesto e em momento algum fui injusto com qualquer pessoa. A minha permanência no Santos? Bem, isso será decidido entre mim e a diretoria do clube. O meu contrato termina no dia 31 de dezembro, mas minha intenção é pedir uma licença para esfriar a cabeça. Há muito tempo que venho vivendo sob uma tensão muito grande e hoje (ontem) foi a gota d'água. Acho que tudo isso foi importante na minha carreira, pois ganhei mais confiança e experiência.

Ao mesmo tempo em que dizia que "o título de vice-campeão foi bom para o Santos", Pepe procurava justificar a derrota de seu time:

— O meu time não jogou bem, reconheço. No primeiro tempo o Santos esteve muito nervoso e levou um gol que não poderia. No segundo tempo o Rubens Feljão perdeu um gol incrível, um gol que jogador da categoria dele não pode desperdiçar. Com a entrada do Claudinho o time melhorou um pouco e tivemos mais espaços para criar jogadas de gol, mas não conseguimos nada. Na verdade, o Santos não se comportou como uma equipe que estava decidindo um título. Eu não esperava, mas a falta de ritmo de jogo pesou muito nesses dois jogos com o São Paulo, um time que veio embalado. O São Paulo mereceu ganhar o jogo e o título de campeão. O que eu posso dizer mais?

Cabisbaixo e chorando bastante, Campos estava incomodado com a perda do título de campeão e muito preocupado com o seu futuro no Santos, já que ele está emprestado até o final do ano pelo América mineiro:

— Lutamos muito, mas não adiantou nada. O Santos não poderia ter perdido esse título. O São Paulo foi um pouco melhor que o Santos e aproveitou a chance de gol que criou. O Serginho foi feliz e faturou. Já o Rubens Feljão não teve sorte quando ficou sozinho com o Valdir Perez e perdeu aquele gol. Tudo bem, vamos partir para outra. Eu

só espero ser contratado em definitivo pelo Santos, pois eu garanto que se isso acontecer irei brilhar neste time em 81.

Enquanto o presidente do Conselho Deliberativo do Santos, Esmeraldo Tarquinio, xingava o repórter da rádio Cacique, Pinheiro Neto, acusado de "espionagem", o zagueiro Neto dizia que a vitória do São Paulo "foi justa".

— Eles tiveram méritos. Acontece que no lance do gol do Serginho a nossa defesa teve uma falha gritante. Agora não adianta a gente ficar lamentando, pois o título de campeão é do São Paulo — comentou Neto, que procurava deixar o vestiário rapidamente.

Visivelmente aborrecido, o presidente Rubens Quintas Ovalle em suas entrevistas só dizia que "o São Paulo foi melhor, ganhou o título e está de parabéns". O vice-presidente de futebol, José Rubens Marino, não quis dar entrevistas e só disse que os jogadores estavam dispensados até segunda-feira. Em meio ao clima tenso do vestiário do Santos, diziam que Pepe dificilmente cumprirá seu contrato até dezembro.

— Ele não tem mais ambiente com alguns jogadores e com a própria diretoria. O "homem" está desgastado. Coitado do Pepe — comentou um torcedor.

Euforia. E planos de mais títulos.

O supertime do São Paulo começou a tomar formas mais concretas ontem à noite, no vestiário, em meio às comemorações pela conquista do título. Eufóricos, os diretores se juntaram à multidão de torcedores que superlotava o vestiário e, depois de muitos abraços e apertos de mão, falaram dos planos para o Campeonato Brasileiro.

Diretores como Fernando Casal De Rey, que abriu a porta de entrada do vestiário aos pontapés, ou Jaime Franco, sempre muito calmo:

— Claro que a alegria é imensa pela conquista do título, mas ela é infinita por termos mostrado que o time é valente, forte, cheio de garra. E vai ficar mais forte ainda.

O primeiro reforço será Marinho Chagas, e a intenção da diretoria é promover sua estréia no amistoso com a seleção da União Soviética, no dia 28. Marinho, já de contrato assinado, está pronto para jogar, embora ontem tenha surgido um problema.

— Não sei não — explicou Jaime Franco —, mas uma das partes do compromisso que firmamos com o Strikers de Fort Lauderdale era a ida do Edu para lá, mas ele disse que já não interessa mais jogar nos Estados Unidos. O Sport Recife quer comprar seu passe, junto com os de Jaime e Antenor. Por isso, então, fica uma dúvida com relação à estréia de Marinho Chagas já no dia 28.

Torcedores agitavam bandeiras, gritavam em coro o nome do São Paulo e cantavam o hino do clube num clima de intensa alegria. E o diretor de futebol Jaime Franco continuava a falar, prejudicado pelo barulho, empurrões e pedidos de autógrafos:

— Mas o maior problema estamos tendo é no caso do Edmar. O Cruzeiro alega que o jogador lhe pertence e por isso o departamento jurídico do São Paulo estuda a questão. O negócio com o Taubaté está fechado e, se ele pertencer a esse clube, já é nosso.

Perto do diretor, o médico do departamento de futebol juvenil do São Paulo, Marco Aurélio Cunha, lamentava ter de cumprir uma promessa, que fizera a alguns amigos, de raspar seu cavanhaque caso o time fosse campeão:

— Tenho o cavanhaque há oito anos, nem sei como vou ficar, não vão me reconhecer nem em casa.

Supertime e reservas

Outros diretores se juntaram ao grupo e falavam em montar o supertime com jogadores do alto nível e também um banco de reservas muito forte. Isso porque Getúlio, Oscar, Renato, Zé Sérgio e talvez Serginho vão para a Seleção no próximo ano e de janeiro a julho só jogarão no mês de abril pelo São Paulo.

— Não tentaremos contratar mais o Edinho do Fluminense, mas sim o Osmar, do Atlético Mineiro. E se o Edmar não vier vamos pensar em outro centroavante para ficar na reserva do Serginho. De jeito nenhum vamos negociá-lo. E depois de amanhã vamos fechar negócio com o Internacional de Limeira, seus diretores não puderam vir hoje, virão na sexta e teremos o Elvío, excelente volante — explicou um dos diretores.

Outro disse que o técnico Rubens Minelli está cuidando para o São Paulo conseguir a contratação de Zenon, que pretende deixar a Arábia Saudita e voltar ao Brasil. E se o Internacional de Porto Alegre quiser, Assis poderá ir em troca de Cléo. Ainda há uma outra opção para a meia, César do Juventus, de onde também Leis interessa. O presidente Leme Galvão conversará com o presidente do Juventus, Ferrelira Pinto, na próxima semana.

Leme Galvão estava revoltado com a renda, para ele muito baixa — ao São Paulo couberam Cr\$ 3.903.540,76, e um total, entre o quadrangular e os jogos da final, de cerca de 25 milhões de cruzeiros.

— Poderia ter dado muito mais se a Federação tivesse aumentado o preço dos ingressos — reclamou o presidente.

Enquanto isso, sufocados pela torcida, os jogadores procuravam subir para a concentração, depois de rápidas entrevistas.

— Sai porque estava cansado — explicou Renato —, mas foi um bom jogo, muito disputado. Agora vou descansar um pouco e depois servir à Seleção, acho que serei convocado novamente e o Mundialito será uma grande chance para eu me firmar em definitivo.

O superprêmio

Os jogadores estavam felizes e não se importavam de serem abraçados até com certa violência pelos torcedores mais eufóricos. Afinal, vão receber 500 mil cruzeiros de prêmio, dinheiro que Heriberto usará para comprar uma casa em sua cidade, Santos Rita do Sapucaí. E é para lá que ele irá no final do mês, passar as férias, pescando, andando a cavalo e ouvindo discos do seu cantor predileto, Sérgio Reis.

— Gosto mesmo de música caipira, e depois de tanto sofrimento — joguei todo o quadrangular e a final com o tomzelo inchado — nada como ouvir umas músicas do Sérgio Reis. O jogo hoje foi relativamente fácil para nós, ganhamos o meio campo e o Santos se perdeu.

Serginho, enquanto procurava tomar o elevador para a concentração, explicava que finalmente tinha marcado o gol "Clementina de Jesus", e perto dele Almir, muito humilde, lamentava a fúria que Pita demonstrou contra ele:

— Estou alegre, esta é a quinta vez que sou campeão, fui duas vezes campeão pelo Figueirense, em Santa Catarina, duas pelo Curitiba e agora pelo São Paulo. Quanto ao Pita, dei uma entrada meio dura nele mais porque escorreguei. Pedi desculpas mas ele veio e revidou, uma pena um craque como ele fazer isso, não?

Os torcedores cantavam em coro que "o Santos acabou" e Hélio Silva, chefe da Tusp — Torcida Uniformizada do São Paulo —, que não participava da folia dos companheiros, dizia que ele e os diretores vão lutar muito para que Serginho volte à Seleção:

— Precisamos abrir os olhos do Telé Santana, o Serginho é o melhor centroavante que temos, precisa voltar à Seleção.

Seleção é o grande desejo de outro jogador, o ponta Paulo César, fã de Tônico e Tinoco:

— Acho que hoje mostrei que estou me soltando, mas ainda tenho muito futebol. Agora que já sou campeão paulista, é meu primeiro título, quero apenas ser convocado pelo seu Telé, só isso.

Francisco Domínguez

São Paulo campeão

O grande artilheiro

Ele fez o gol do título e provou mais uma vez o seu valor. Mas pode ter sido o último gol com a camisa do São Paulo.

A torcida do São Paulo não vai esquecer Serginho tão cedo. Não só por causa daquela cabeça forte, precisa, aos 40 minutos do primeiro tempo, que levou a torcida ao delírio. Mas por todos os gols importantes que marcou neste Campeonato Paulista de 1980: foram 13, com o de ontem, a maioria deles decidindo partidas.

Mas esta mesma torcida que aplaudiu Serginho ontem à noite pode ter visto um de seus últimos gols vestindo a camisa do São Paulo. É bem possível que a partir do ano que vem ele deixe o clube e passe a pertencer à galeria dos artilheiros, juntando-se a Friedenreich, Leônidas da Silva, Ponce de León, Gino — o maior de todos na história do clube —, Toninho e Mirandinha.

— Ainda é muito cedo para falar sobre isso — dizia José Douglas Dallora, vice-presidente de futebol, ontem à noite. — É lógico que faremos o possível para segurar o Serginho aqui no São Paulo, mas não posso dizer se ele vai ficar. Só posso garantir que faremos o possível para segurá-lo.

Quando o placar eletrônico do Morumbi começou a anunciar a escalação do São Paulo, só um jogador recebeu n.ais aplausos que Serginho: Zé Sérgio. Mas foi só antes de o jogo começar. Quando deixou o campo, aos 32 minutos do segundo tempo, substituído por Assis, a torcida já estava começando a festejar o Campeonato, uma festa de que Serginho preferiu não participar. E nenhum dos seus companheiros soube explicar a razão. Justo ele, sempre um dos primeiros a inventar brincadeiras, um dos primeiros a chegar em qualquer festa, não estava ali, no vestiário, para receber os abraços dos companheiros.

Um herói sem cabeça

Para muita gente, o maior herói da noite estava apenas confirmando uma promessa que havia feito, meses atrás, de que terminando este Campeonato ele deixaria o São Paulo.

— Este menino sabe tudo de bola, conhece sua posição como poucos, mas às vezes não tem cabeça. Não sei se tem problemas em casa, se ainda não amadureceu, mas ele está se prejudicando. Não fosse esta série de problemas eu não teria o menor receio de dizer que ele era o maior centroavante do Brasil.

Estas palavras são de Gino Orlando, o maior entre todos os artilheiros que já vestiram a camisa do São Paulo. Foram onze anos brigando duro com os zagueiros, onze anos levando bonitadas e onze anos comemorando os seus 244 gols. Hoje administrador do estádio do Morumbi, Gino lembra com saudades dos tempos em que jogava. E em cada lembrança, inevitavelmente, compara o futebol que jogava com o de hoje, para que ninguém se atreva a comparar o seu futebol ao de Serginho:

— Estou acabando com o futebol. Estes esquemas defensivos foram feitos pelos europeus, porque eles não tinham a mesma habilidade dos latino-americanos. E a gente, em vez de procurar soluções para fugir das retrancas, das marcações especiais, fomos copiar a sua forma de jogar. É inconcebível.

Comparar o futebol de Gino ao de Serginho? Só o próprio Gino é capaz disso:

— Olha, por mais que todos possam duvidar, tínhamos um futebol muito parecido. O modo de entrar na área, a forma de escolher um canto e chutar ou o que a gente chama de "cheiro de gol". O Serginho é um pouco mais técnico, mas eu entrava na área com mais frequência. E também não admitia ver um adversário jogando com um líbero. Era só eu perceber que ia marcá-lo.

Gino garante que se Serginho fizesse como ele, se marcasse o zagueiro que sempre joga na sobre, faria muito mais gols. Mas como o seu negócio é cuidar do Morumbi, jamais chega até um jogador para dar um palpite, mesmo tendo a certeza de que isso poderia ajudá-lo. E, se Gino Orlando tivesse que conversar sério com Serginho, certamente não seria sobre a forma de se colocar em campo, ou sobre como chutar, deslocar um zagueiro ou cabecear. A conversa seria sobre o seu comportamento:

— Pouca gente se lembra, mas eu tive uma imagem parecida com a do Serginho. Levava um pontapé desleal e revidava. Foi expulso muitas vezes, estava começando a ficar marcado, até que um dia parei para pensar. E jurei que nunca mais revidaria uma jogada desleal.

Logicamente ele não cumpriu sua promessa. Foi expulso mais algumas vezes, mas não com tanta frequência como acontecia nos primeiros anos em que jogou em um time grande.

Outro como ele? Nunca.

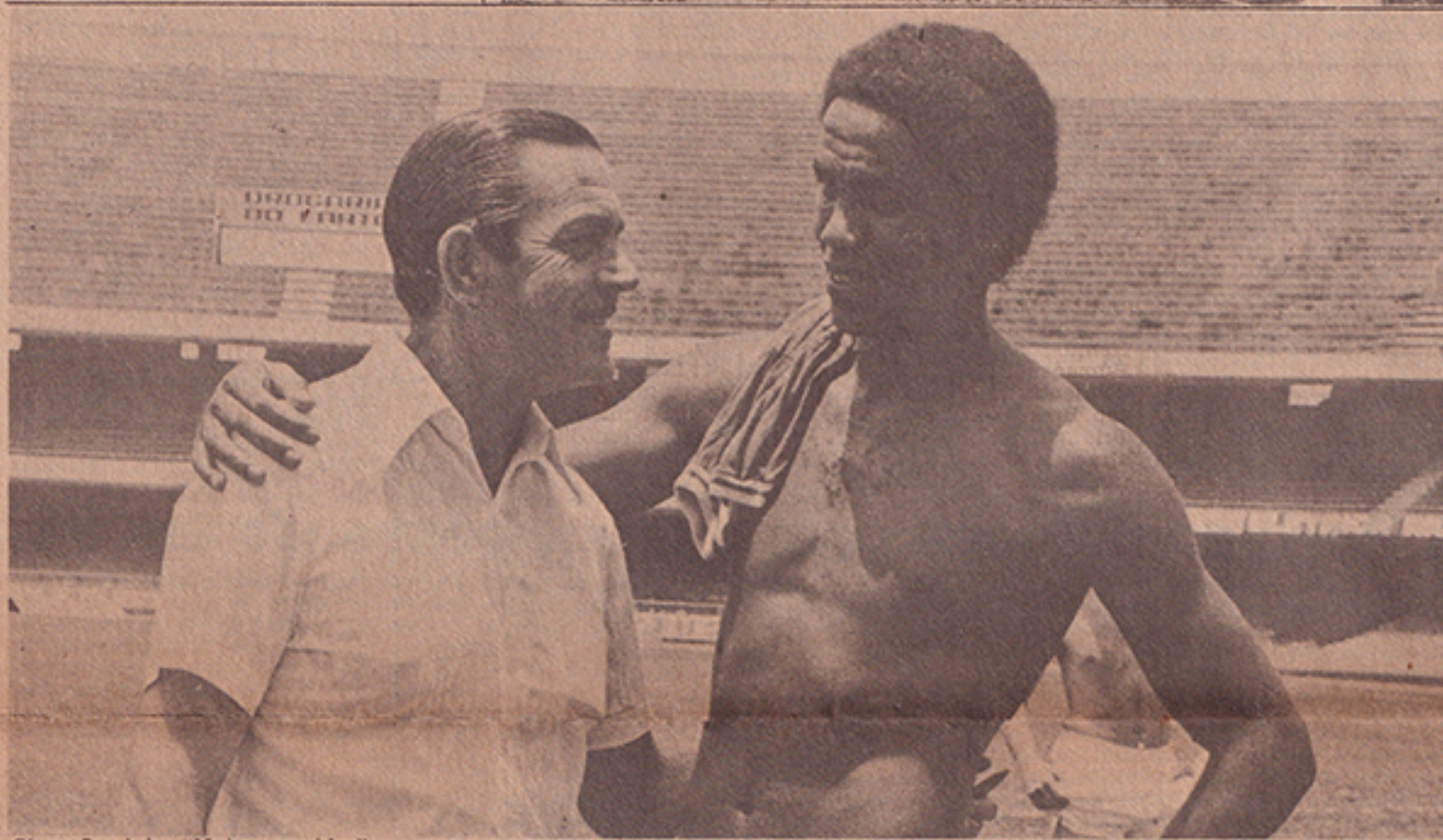
Esta imagem de violento, indisciplinado e desleal com os adversários é que Serginho tenta apagar. E em uma das suas últimas tentativas quase conseguiu, depois de passar um bom tempo sem receber cartões nem valas de sua própria torcida. Chegou à Seleção Brasileira, prometeu que dela não sairia, mas Telê não acreditou, depois de vê-lo substituído em um amistoso, em atenção a um pedido do juiz Oscar Scolfaro, que não queria prejudicá-lo.

E Serginho, defendido pela torcida e parte da imprensa, perdeu a cabeça outra vez, numa quarta-feira à noite. O São Paulo jogava contra o América de Rio Preto, ganhava sem problema quando ele discutiu com um zagueiro adversário — há quem diga que lhe deu uma cuspidinha — e recebeu o cartão vermelho outra vez. Aquela noite, deixou o campo ouvindo uma enorme vaia de sua própria torcida.

A conclusão foi rápida, talvez ali mesmo, no vestiário. A única forma de mudar sua imagem seria mudar de clube. E como já havia feito outras vezes, procurou os dirigentes e pediu para ser vendido, justificando que já estava no São Paulo há muito tempo — desde 73 — e que se sentia marcado pela torcida.



Ele fez os gols que decidiram o campeonato para o São Paulo. Mas, substituído aos 32 minutos, foi embora e talvez não volte mais.



Gino e Serginho: "Muito parecidos".



Sempre na área, Serginho foi um perigo até sair.



A torcida tinha certeza do título desde domingo.



Depois do jogo, o título e a festa para Dario Pereira

Carlos Alberto: "Meu trabalho está aí, para quem quiser ver".

Carlos Alberto Silva foi o primeiro a deixar o campo, enquanto os jogadores entregavam-se à doce festa pela conquista do título. E também foi o primeiro a sair dos vestiários, assim que um número cada vez maior de torcedores uniformizados entrava pelas portas escancaradas.

Outra vez no gramado, ele sentiu a vitória como se fosse apenas sua. A camisa branca de cambraia mudava de tom ao tocar a sua pele; a água que caía de seus cabelos misturava-se com as suas lágrimas. Carlos Alberto juntou as duas mãos acima da cabeça e descarregou no seu gesto de vitória todos os sentimentos recolhidos não só naquelas massacrantes sete horas e meia de decisão, do Inter ao Santos, mas em todo o Campeonato.

Talvez ninguém mais tivesse tanto direito às lágrimas e ao delírio. E no abraço trocado com cada amigo íntimo, estava um pouco do agradecimento por aqueles momentos inesquecíveis de um homem que oscilou entre o tudo e o nada e que viveu cada ataque que a sua defesa sofria ou cada gol que o seu time marcava como se deles dependesse a sua própria existência.

— O meu mal, assim como o de Pepe, é ser humilde demais. Não damos rótulos pomposos às nossas táticas e jogadas e, por isso, somos acusados de incompetentes. Mas não faz mal, pois o tempo provará o nosso valor.

Esta seria uma das poucas frases longas de Carlos Alberto Silva, em que conseguia começar e completar seu raciocínio, a partir do momento em que a torcida invadiu o vestiário e começou a loucura da vitória. Suas palavras eram interrompidas por abraços e cumprimentos, porque cada torcedor projetava em Carlos Alberto o seu próprio sofrimento. Isso depois de um campeonato interminável, onde o fracasso e o sucesso tornariam ainda mais alucinante a final de ontem e ainda mais inesquecível o título de campeão.

— Para mim, esse título vale mais até do que o brasileiro que conquistei com o Guarani. Afinal, foram cinco anos de espera para a torcida, uma angústia parecida com a minha neste campeonato.

Carlos Alberto não precisava falar mais. Na memória de todos desfilaram os momentos de glória ou de arrependimento. E o primeiro turno, sem os jogadores da Seleção e com as derrotas seguidas, nos estádios vazios.

Depois, os incidentes com Serginho, que não fazia gols e só falava em ser vendido no final do campeonato. A contratação do belga Raymond Goethals e os desmentidos patéticos dos diretores, de que não se tratava de um plano a longo prazo para derrubá-lo.

A renúncia do belga e o agravamento da tensão com os dirigentes, foram reconhecidos publicamente por Carlos Alberto, um homem que não sabe mentir e nem dissimular o óbvio:

— Não tenho o apoio de todos, é verdade. Mas quem manda no clube é o presidente. A ele devo satisfações. O meu trabalho está aí, para quem quiser ver.

A contratação de Marinho Chagas — que deverá estrear no dia 28, no amistoso da vitória contra a seleção da União Soviética — foi recusada publicamente por ele. Os incidentes de vestiário, nos últimos jogos de campeonato, e a distância que manteve com os que não conseguia dialogar, visível até nos dias de vitória, desde o Inter até o Santos, quando preferiu deixar o vestiário, também foram lembrados. E ele foi festejar o título mais de perto, abraçando-se com torcedores suados, de mãos grossas e frases comuns, tão humildes quanto ele.

— Eu tenho contrato até o dia 31 de dezembro. Se depender de mim, continuo no São Paulo.

Se depender do presidente Antônio Galvão, ele ficará.

— É claro que o Carlos Alberto vai continuar. Só a imprensa disse que ele iria sair.

Talvez fosse isso também que o presidente quis dizer ao menino de oito anos, vestido com a camisa do clube, que esquecendo o título por um momento, implorou ao dirigente que não vendesse ninguém:

— O São Paulo tem que ficar com todos os que foram campeões.

Carlos Alberto continuava falando em humildade, no espírito de renúncia dos jogadores, do sacrifício de todos, que sempre tiveram fibra para reagir quando tudo parecia perdido.

Mas pouco importavam as suas frases. O importante era o que ele sentia. O técnico do Interior que precisava provar num clube grande que não foi campeão brasileiro apenas por causa do time e do acaso. Do homem que teve a dignidade de exigir uma vitória ontem, para acabar com os boatos de que a decisão ficaria para domingo.

E, no fim de tudo, quando a torcida enlouquecida começou a sair às ruas para que o grito de campeão fosse ouvido pela cidade inteira, Carlos Alberto começou a voltar a si. Sentiu falta da correntinha de ouro que carregava no pescoço; da carteira que deixou no armário, com a medalhinha que o papa benzeu. Quem não soubesse disso, talvez entendesse de outra forma a última frase dele, ao deixar o vestiário coberto por serpentinhas:

— E agora, meu Deus?

Cobertura

A cobertura da decisão foi dos repórteres: Vital Battaglia, Sérgio Baklanos, Francisco Dominguez, Castilho de Andrade, Flávio Roberto Alves, Antônio Carlos Prado, Fátima Miranda, Dinoel Marcos de Abreu, Arthur de Almeida, Mário Schwarz. As fotos são de Domicio Pinheiro, Claudine Petrolli, Antônio Lúcio e Sidnei Corrallo.

Foi nesta época, pela primeira vez, que os dirigentes admitiram vender o seu passe.

— Eu não venderia — comentou Gino, esquecendo-se de que não gosta de dar palpites nos negócios do clube. — Sabe quando o São Paulo vai encontrar outro centroavante como ele? Nunca, nunca tão cedo.

Começaram os comentários de que Serginho seria trocado por Cléo, do Internacional, os dirigentes admitiam o interesse por Edmar, o artilheiro do Campeonato Paulista deste ano jogando pelo Taubaté, e parte da

torcida era capaz de concordar com a venda de Serginho.

A outra parte, não. Nunca vai admitir vê-lo jogando com outra camisa, levando pânico aos zagueiros adversários toda vez que carregar a bola com os braços abertos, enrolando-a em suas pernas, dando sempre a falsa impressão que nunca conseguirá controlá-la para um chute ao gol.

Mas Sérgio Bernardino, 25 anos, casado, pai de duas filhas, não pareceu muito preocupado, ontem à noite, com a sua torcida. Deixou o campo aos 32 minutos dizendo que não estava muito cansado, mas nem foi

capaz de insinuar uma pequena revolta pela substituição.

Desceu a escada do túnel, tomou um banho rápido, tão rápido quanto passou pela concentração, no segundo andar, e foi embora. Nem esperou pelo final do jogo para abraçar os companheiros, comemorar um título que sempre andava prometendo.

O Campeonato, para Serginho, tinha mesmo terminado ali. E a não ser que os dirigentes ofereçam muito dinheiro, este foi o segundo e último Campeonato Paulista que ganhou pelo São Paulo. Artilheiro em 75

e 77, ele quer mudar de clube para esquecer a perseguição dos juizes, os 14 meses que ficou suspenso por ter agredido o bandeirinha Vandevaldo Rangel e as valas que levou da torcida, sua própria torcida, nos momentos mais difíceis.

E a torcida, se ele for mesmo embora, rapidamente vai se esquecer de tudo isso. Vai se lembrar de Serginho com a mesma saudade com que recorda de Leônidas, Toninho Guerreiro, Fried e Gino, entre outros. Vai se lembrar de Serginho como o centroavante que decidia partidas importantes. Como um grande artilheiro.

DIGITALIZAÇÃO, TRATAMENTO, EDIÇÃO E MONTAGEM
MICHAEL SERRA

ARQUIVO HISTÓRICO
JOÃO FARAH
2024



ONDE A MOEDA CAI DE PÉ